

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO (CBG)

PABLO MESSIAS FERREIRA LEITÃO

O PAPEL DA REVOLUÇÃO TIPOGRÁFICA NA REFORMA PROTESTANTE: UMA
REFORMA ESTRUTURAL, SOCIAL E POLÍTICA DA EUROPA

Rio de Janeiro

2022

PABLO MESSIAS FERREIRA LEITÃO

**O PAPEL DA REVOLUÇÃO TIPOGRÁFICA NA REFORMA PROTESTANTE: UMA
REFORMA ESTRUTURAL, SOCIAL E POLÍTICA DA EUROPA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de
Informação da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades
de Informação.

Orientador (a): Antônio José Barbosa de Oliveira

Rio de Janeiro

2022

Ficha catalográfica

CIP - Catalogação na Publicação

L533p Leitão, Pablo Messias Ferreira
 O papel da Revolução Tipográfica na Reforma
Protestante: uma reforma estrutural, social e
política da Europa / Pablo Messias Ferreira Leitão.
- Rio de Janeiro, 2022.
 47 f.

 Orientador: Antônio José Barbosa de Oliveira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Administração e Ciências Contábeis, Bacharel em
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação,
2022.

 1. História. 2. Reforma Protestante. 3. Imprensa
de Gutemberg. 4. Explosão Informacional . 5.
Biblioteconomia . I. Barbosa de Oliveira, Antônio
José , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

PABLO MESSIAS FERREIRA LEITÃO

**O PAPEL DA REVOLUÇÃO TIPOGRÁFICA NA REFORMA PROTESTANTE: UMA
REFORMA ESTRUTURAL, SOCIAL E POLÍTICA DA EUROPA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Rio de Janeiro, 15 de Julho de 2022.

Prof. Dr. Antônio José Barbosa de Oliveira
Orientador (a)

Profa. MsC. Lucia Maria da Cruz Fidalgo
Membro interno

Prof. Dr. Robson Santos Costa
Membro interno

Dedico esta conquista a minha avó Marlene que sempre abriu mãos de seus sonhos e projetos e dedicou a sua vida para que eu pudesse ser o homem que sou. Amor e gratidão eterna à você, vovó.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus que me criou e que já me conhecia antes mesmo de eu nascer, o autor e consumidor de minha fé.

À minha família, em especial meus padrinhos Kleber e Regilany que sempre me incentivaram que o estudo é o caminho para a mudança de paradigmas e histórias. Ao meu irmão João Pedro, à minha avó Marlene e minha tia Railene e meu tio Robinho, que mesmo em meio aos acasos da vida, se mantiveram ao meu lado me dando força e apoio incondicional. Esta vitória é nossa! Amo vocês!

Aos meus professores de graduação que sempre me acolheram com bastante carinho e me ajudaram neste sonho que está sendo realizado. Meu eterno carinho e gratidão à vocês!

Aos meus amigos de graduação, aqueles que sempre buscaram externalizar o seu amor e afeto a mim, e que foram rede de apoio ao longo das difíceis e longas matérias que passamos juntos. Eternamente grato à vocês!

À Igreja Missionária Evangélica Maranata de São João de Meriti que sempre demonstrou amor, carinho e confiança em minha pessoa. Sem dúvidas, se hoje possuo a fé e o conhecimento que tenho, isto é graças ao amor de vocês para comigo e para o Evangelho de Jesus Cristo.

À Karine, meu amor, e ao meu irmão e amigo Paulo Sérgio Junior (Paulinho), que sempre me apoiaram e sempre se mantiveram à disposição para me instruir e me ajudar, tanto na vida pessoal, quanto na vida acadêmica. Sempre acreditaram em meu potencial e investiram em mim. Amo vocês!

“Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego. Porque a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: "O justo viverá por fé."”

Paulo de Tarsos

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade apresentar o papel da revolução tipográfica, construída por Gutenberg, na Reforma Protestante eclodida no ano de 1517 d.C na Alemanha e os seus desdobramentos na área social, educacional, econômica e política da Europa. A pesquisa apoiou-se em seu referencial teórico em diversas literaturas e com isso possibilitou levantamentos conforme traçados pelos objetivos específicos apresentados. Foi perceptível analisar que a Reforma que inicialmente teria um caráter religioso, ganhou variantes e efeitos colaterais que estão relacionados intrinsecamente nas evoluções e nos progressos das sociedades européias que aderiram à Reforma.

Palavras-chave: História. Reforma Protestante. Explosão Informacional. Imprensa de Gutenberg. Biblioteconomia.

ABSTRACT

The present work aims to present the role of the typographic revolution, built by Gutemberg, in the Protestant Reformation that broke out in 1517 d.C in Germany and its consequences in the social, educational, economic and political areas of Europe. The research was based on its theoretical framework in various literatures and thus made possible surveys as outlined by the specific objectives presented. It was noticeable to analyze that the Reformation, which initially had a religious character, gained variants and side effects that are intrinsically related to the evolutions and progress of European societies that adhered to the Reformation.

Keywords: History. Protestant Reformation. Informational Explosion. Gutenberg Press. Librarianship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Imprensa de Gutemberg	17
FIGURA 2 - Modelo da Bíblia de 42 linhas de Gutemberg	18
FIGURA 3 - Culto com as pessoas tendo acesso irrestrito à Bíblia Sagrada	27
FIGURA 4 - Martinho Lutero pregando as 95 Teses na porta da Igreja de Wittenberg	30
FIGURA 5 - Queima de livros na Inquisição	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVO GERAL	13
2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3 METODOLOGIA	13
4 A ESCRITA ALFABÉTICA E A REVOLUÇÃO DE GUTENBERG	14
4.1 ESCRITA E LEITURA: SUA MISSÃO NO CONTEXTO PRÉ-REFORMA	21
4.2 O HUMANISMO E OS MANUSCRITOS MEDIEVAIS	24
5 A REFORMA PROTESTANTE	29
5.1 O MOVIMENTO DE CONTRA-REFORMA CATÓLICA	34
6 A EDUCAÇÃO COMO COMBUSTÍVEL PARA A REFORMA PROTESTANTE	37
7 A REFORMA PROTESTANTE, A IMPRENSA E O CONHECIMENTO COMO "ESPÍRITOS DO CAPITALISMO"	41
8 CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

O ano de 1517 d.C foi sem sombra de dúvidas uma data marcante para a história do ocidente, quiçá do mundo. O presente trabalho visa detalhar o processo da Reforma Protestante a partir da influência da Imprensa Tipográfica de Johannes Gutemberg, com o apoio e auxílio de uma pesquisa exploratória e descritiva baseando-se em literaturas específicas das áreas de História, Biblioteconomia, Economia e Educação.

Para se chegar com exatidão e lucidez ao objetivo específico deste material dissertado, a pesquisa perpassa por alguns cenários da história da humanidade e das tecnologias apresentadas até adentrar de fato ao papel da revolução tipográfica na Reforma. Até chegar ao objetivo da pesquisa traçado, o material analisa em caráter exploratório a escrita alfabética, em um espaço delimitado, até alcançar a Imprensa Tipográfica de Gutemberg.

Após uma análise de caráter histórico, sempre sendo traçado de forma cronológica, é perceptível chegar aos objetivos específicos nos quais mostram que a área da informação, ou seja, a disseminação informacional causada pela prensa foi caminho para diversas reformas que viriam acontecer não apenas no âmbito religioso, contudo, em toda as estruturas da Europa do séc. XVI e dos anos posteriores.

Estruturas nas quais são perceptíveis para as gerações atuais. A maneira que o humanismo introduziu de uma nova forma de leitura, a leitura silenciosa, o caráter emancipatório das reformas de base educacional que Lutero e os reformadores implantaram nos países que aderiram à reforma religiosa, mas também ao novo modelo econômico que surgiria com a ascensão de uma nova burguesia após depor à Igreja Católica da centralidade do poder da sociedade.

Uma nova maneira de ler foi criada com o auxílio do humanismo dentro dos mosteiros. Maneira na qual seria introduzido na sociedade posteriormente e que se é perceptível ser enxergado e praticado até os dias atuais. Esta nova prática de leitura ajudaria em uma melhor maneira de entender criticamente os textos, contudo, até a maneira de fabricação dos textos medievais mudaram.

As reformas de base que Lutero, com o apoio e o auxílio de outros reformadores e pensadores, como Felipe de Melancton, enfatizava na educação foram primordiais para o avanço tecnológico, social, religioso e econômico da Europa. Um novo olhar sobre a universalização do acesso ao ensino, a divisão em três bases são utilizados até os dias atuais. Sendo assim, vemos que a Reforma não foi meramente religiosa, contudo, mudou o *status quo* produzido e praticado por uma casta da sociedade.

Será de maneira clara e sólida enxergar a ascensão de uma nova burguesia com todos estes fatores já descritos. Anteriormente à reforma, a Igreja possuía acesso irrestrito aos altos impostos pagos pelos comerciantes, pois, segundo a mesma, a retenção e o enriquecimento dos fiéis, do povo leigo, seria prejudicial para a vida espiritual. Contudo, o sociólogo alemão Max Weber, vai começar a analisar de maneira diferente esta situação. O texto aqui apresentado, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* buscará analisar a partir de condições teológicas o fato de que guardar dinheiro e o seu enriquecimento não é ilícito aos olhos do Deus-Trino.

Portanto, é notório que a Imprensa Tipográfica e a disseminação informacional ajudaram a Reforma Protestante a prosperar e a partir disso, mudanças em outras esferas da sociedade aconteceram. O enfoque do trabalho é observar e apontar que a Reforma Protestante e a Imprensa Tipográfica estão e estiveram relacionadas intrinsecamente em todos os fatores mais liberais que aconteceram na sociedade.

2 OBJETIVO GERAL

Esta pesquisa tem como objetivo geral elucidar o papel e os impactos da imprensa no contexto da Reforma Protestante. O tema escolhido possui claras familiaridades com o campo da Ciência da Informação, enquadrando-se especificamente na área de atuação da Biblioteconomia.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Traçar um panorama histórico sobre o fenômeno da Reforma Protestante
- Traçar um histórico da escrita, do alfabeto e da imprensa
- Relacionar a imprensa, bem como sua difusão, com a Reforma Protestante

3 METODOLOGIA

A pesquisa tem caráter exploratório e descritivo, amparada em bibliografia que versa nas temáticas relacionadas à escrita, imprensa e Reforma Protestante. Pautou-se numa perspectiva interdisciplinar, que promoveu um diálogo entre temas de áreas afins às Ciências Humanas, Sociais e Biblioteconomia.

4 A ESCRITA ALFABÉTICA E A REVOLUÇÃO DE GUTENBERG

Ao decorrer dos séculos, o alfabeto acabou tendo diversas atualizações e o alfabeto mais antigo de toda a história é o semita setentrional, que teve o seu desenvolvimento iniciado por volta do ano de 1.700 a.C e localizados nos países da Síria e Palestina (OLIVEIRA, [201-?]). Os alfabetos que hoje conhecemos, diretamente e indiretamente, como o árabe, hebraico e fenício, foram baseados no modelo semita setentrional. Ao decorrer do tempo, as tecnologias foram se desenvolvendo e com estes alfabetos o mesmo aconteceu. Aproximadamente em 900 a.C, o alfabeto fenício acabou sendo utilizado como base para o alfabeto grego que detinha como acréscimo vogais às consoantes.

O avanço tecnológico continuou e o alfabeto modificado pelos gregos serviu como protótipo para o povo etruscos por volta de 800 a.C. Partindo deste novo padrão, que já era oriundo de transformações ao longo do tempo, vieram as letras do antigo alfabeto romano. O alfabeto ao longo da história já foi colocado, por alguns pensadores, como a maior invenção do homem até o momento. Segundo Diringer (apud MCGARRY, 1999, p. 72) “historicamente, foi a última grande forma de escrita a surgir, e a mais altamente desenvolvida, a mais conveniente, e o sistema de escrita mais facilmente adaptável jamais inventado”.

Sem dúvidas a revolução da escrita foi a primogênita das grandes mudanças de *status quo*, ou seja, mudança de uma ordem vigente em uma determinada sociedade, da comunicação ao longo da história da humanidade. Segundo McGarry (p. 73) a escrita

“Permitiu que fossem registrados acordos, leis e mandamentos. Possibilitou o crescimento das cidades-estados da Grécia. Tornou possível a consciência histórica contínua. O mandamento de um sacerdote ou o rei e seu selo podiam deslocar-se para muito além de sua vista e podiam sobreviver à sua morte”.

Com a concepção do alfabeto, a humanidade foi possibilitada a comunicar os seus ideais, pensamentos e ideias por meio não tão somente dos signos visuais, porém possibilitou o início dos registros duradouros dos mesmos e com isso criar uma memória externalizada que logo mais seria encontrada nas bibliotecas. Um exemplo muito claro do dissertado anteriormente seria a Bíblia. Mesmo após a passagem de milhares de anos, ela continua acessível aos nossos dias.

As sociedades orais eram marcadas por uma característica perceptível: a imprecisão do tempo. A preservação das informações de tempo e espaço não eram severamente precisas. O tempo era demarcado conforme as estações, festas e ritos religiosos (McGarry, p. 74). Logo em seguida que os

pensamentos são registrados, ele acaba ganhando um caráter em que se é estabelecido um sentido de tempo histórico na qual existirá um confronto de condicionamento da informação: os condicionadores orais versus a história registrada, como conhecemos hoje. As comunidades nas quais eram organizadas e detinham apenas da oratória como canal para comunicação em grupo, obviamente possuíam o controle de grupos menos favorecidos e os que mantinham o canal de comunicação híbrida (oral e documentada) buscavam pela liberdade dos indivíduos.

O período manuscrito possibilitou a utilização de vários suportes: pedras, bronze, ouro, tabuletas de argila, papiros, pergaminhos, até chegar-se ao papel. Durante muitos séculos os volumens encheram as bibliotecas da antiguidade, até chegar-se ao códex, produzidos nos scriptoriuns dos mosteiros medievais. Posteriormente, isto se tornou os livros impressos e conseqüentemente estes modos se opuseram ao cerceamento das informações que um pequeno grupo tinha sobre um grande grupo. A Igreja Católica, até a Imprensa Tipográfica, possuía a voz sublime, suprema e verdadeira sobre os quatros cantos do mundo, pois utilizava a oralidade, sem abrir brechas para o povo, ler e confrontar o texto criticamente (LINDBERG, 2017)

O quarto milênio a.C até o Século XV d.C, a escrita foi a tecnologia da área da comunicação que mais desenvolveu-se e conseqüentemente era a mais avançada e acabou perdendo este posto quando Johann Gutemberg criou com a impressão tipográfica, com metais móveis, o texto do primeiro livro que viria a ser impresso.

Anos depois, posterior a isto, a inovação trazida por Gutemberg, possibilitou a continuação da história de muitos povos. O discurso deslocou-se da parte do imaginário, das lembranças, das memórias de um coletivo ou indivíduo, correndo grande risco de se perder no decorrer da história, e se materializou em um livro no qual podem sobreviver até mesmo após a morte dos seus escritores e chegar em lugares e regiões inimagináveis.

A externalização das memórias foi muito importante para o avanço da Reforma Protestante. Com a escrita da Bíblia e a sua preservação, foi permitido chegar às mãos dos pré-reformadores e dos reformadores e posteriormente à sociedade em geral.

O mundo do estudo sistemático e da burocracia foi criado pela e através da escrita. As informações geradas por órgãos governamentais detinham de grande possibilidade de chegar aos destinos mais difíceis com o seu conteúdo inalterado. A escrita foi ganhando forma, corpo e capilaridade nos locais em que ela era utilizada. Antes se era inviável um camponês saber da notícia da cidade grande em pouco tempo, agora, era por questões de horas.

Observando o cenário anteriormente dissertado, é necessário ser averiguado o momento em que a Europa se encontrava quando Gutemberg aprimora a Imprensa Tipográfica e o que foi mudado com esta engenharia que possibilitou o escalonamento das produções bibliográficas no mundo.

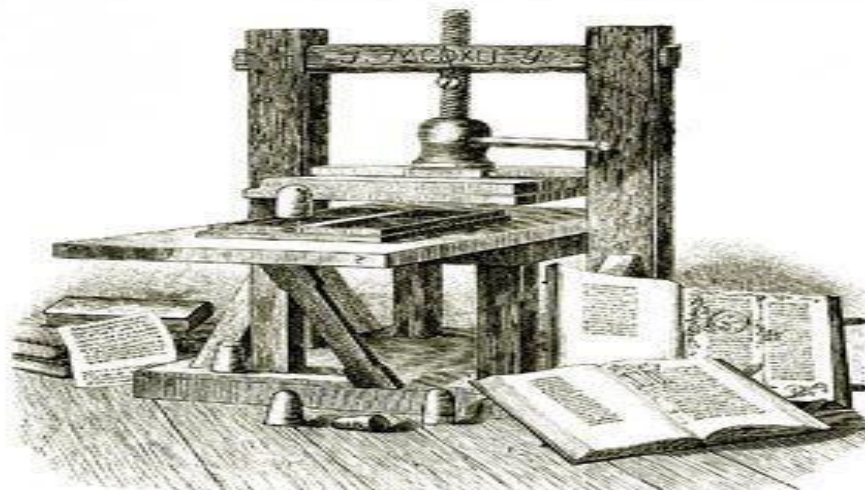
A imprensa surge no seio do Renascimento, ou seja, em uma conjuntura bastante caótica de intensas e rotineiras alterações econômicas, políticas e também religiosas. Muitos atribuem a Gutemberg a paternidade da impressão dos pensamentos, ou melhor dizendo, a impressão dos textos, todavia não foi ele o autor das primeiras impressões textuais, porém a “sua ideia de um tipo móvel de metal, que podia juntar-se a outros para formar palavras, frases encadeadas em linhas ordenadas, foi o modelo que obteve maior sucesso, em vista de sua eficiência e economia” (RODRIGUES, 2012, p. 189).

Com o pensamento de fazer algo que pudesse fomentar e aumentar as produções, os caracteres que eram usados na China, não supriria a sua necessidade, pois esses códigos comunicacionais não precisavam ser usados com tanta frequência, contudo, o alfabeto romano, oriundo de transformações ao longo do tempo, possuía poucos caracteres e assim as letras teriam que ser reutilizadas. Juntando o seu pensamento e a sua formação de ourives, ele enxergou que

O segredo estava na tecnologia da gravação; os ourives eram proficientes neste ofício, e Gutemberg era ourives. Ele fez uma matriz para receber o metal fundido, e, talhando as letras em forma invertida, a matriz tornava-se o molde a partir do qual se obtinham as letras de impressão. E, melhor ainda, essas letras podiam ser derretidas numa caldeira e reutilizadas. O tipo era ‘móvel’ e ‘descartável’. ‘Esses soldadinhos de chumbo’ foram essenciais para o sucesso da invenção. (MCGARRY, 1999, p. 78).

Ficou muito mais fácil e menos custoso produzir livros de forma massiva, sendo assim, um ingrediente muito importante para que a imprensa tomasse o protagonismo em uma Europa problemática financeiramente, socialmente e com surtos de doenças que acabavam vitimizando vidas. A imprensa ganhou corpo, forma e importância, mesmo neste contexto agitado, no campo intelectual com a propagação das ideias de cunho humanista, no qual cativou e inflamou a população na busca pelo conhecimento.

Figura 1 - Imprensa de Gutemberg

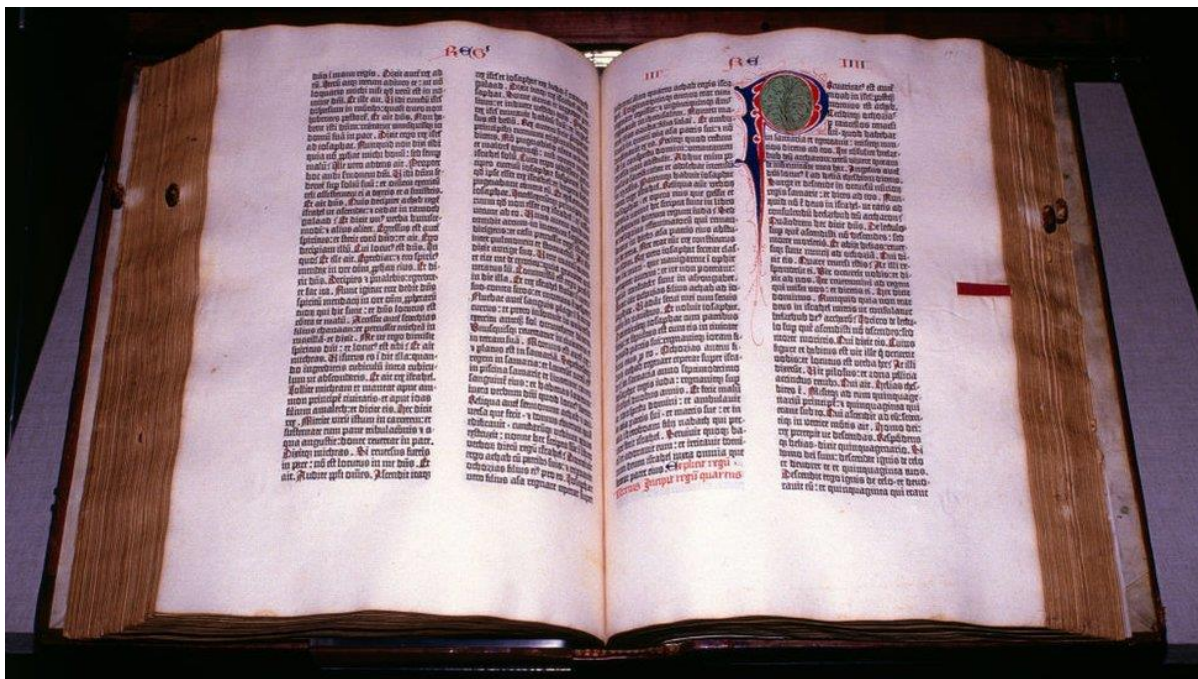


Fonte: Paulo Freitas, 2021.

Tal busca pelo conhecimento acabou criando um contexto para a existência do novo meio de comunicação que pudesse ser constante e rápido. Contexto no qual o grande aumento das universidades, e também do número dos discentes, desde o século XII, acabava demandando um grande número de publicações (McGarry, ano, p. 77). Anteriormente à imprensa do Johannes Gutenberg, os recursos existentes eram oriundos das cópias produzidas pelos livreiros da universidade.

Dentro deste ambiente, Gutenberg acaba publicando a sua famosa Bíblia de 42 linhas por página, dando indício que os leigos estariam nesta jornada, não apenas por conta dos valores monetários.

Figura 2 - Modelo da Bíblia de 42 linhas de Gutenberg



Fonte: BBC News Brasil, 2019.

O fator financeiro ajudou na consolidação da propagação informacional que a imprensa iria trazer para toda a Europa, mesmo antes do fim dos anos do século XV. A imprensa já havia sido introduzida em todo o Ocidente posteriormente e

Depois do aparecimento da Bíblia de Gutenberg em 1456, pelos com tipo móvel foram rapidamente montados por toda Europa. Por volta de 1490, a imprensa tinha sido introduzida em todos os países do Ocidente; antes de 1501 já 10 lugares diferentes se orgulhavam de possuir oficinas de impressão, desde Estocolmo e Lubeque a Toledo e Lisboa, de Budapeste e Cracóvia a Oxford (ASTON, 1968, p. 69-70).

Mesmo com o avanço por todo o velho continente e a logística que as impressoras detinham, ela não conseguiu, a curto prazo, romper com barreiras impostas pelo papado ao longo de toda a história. Requereu tempo, paciência e organização para que de fato a imprensa pudesse revolucionar o campo da informação trazendo uma democracia informacional com o acesso amplo e irrestrito à todos (ASTON, 1968, p. 70).

Ainda neste espaço de tempo, ocorria a alfabetização de pessoas e que era ligada diretamente à proporção que a imprensa havia adquirido na sociedade europeia no começo do Século XVI. Com tempo, paciência e organização, isso possibilitou que o Monge Martinho Lutero obtivesse êxito na reforma que ele propôs na Igreja Romana no ano de 1517 e, sem dúvidas

Nessa discussão, não se pode esquecer da imprensa de tipos móveis, que havia sido criada por Gutemberg, por volta de 1450, na Alemanha. Aperfeiçoada, a imprensa era um meio de fazer circular as idéias rapidamente, o que facilitou a divulgação das idéias reformistas. Will Durant, autor de *A Reforma*, chega a afirmar que “Gutemberg tornou Lutero possível” (KLUG, 1998, p. 22).

A afirmação de que Lutero só prosperou por conta de Gutemberg tem fundamentação. Ao longo da história do cristianismo, diversas comunidades se revoltaram contra as doutrinas romanas, por as considerarem extra-bíblicas. Contudo, dentro dessas comunidades existiram pensadores e teólogos que por se oporem à Roma, conseqüentemente após esta ação foram fortemente perseguidos, como é o caso de John Wycliffe e John Huss.

A imprensa trouxe mudanças significativas para a sociedade europeia a partir do século XIV. Trouxe consigo mudanças de cunho social, político, econômico e religioso. Antes existiam copistas, função na qual o poder de publicação e de capital estava assegurado nas mãos deste grupo. Eles detinham do poder de instaurar preços sobre o livro, afinal, não existia concorrência. Com a chegada da imprensa, isto muda de uma forma muito dura e críticas começam a surgir. Segundo Peter Burke (2002)

Diferentes grupos sociais levantaram diferentes críticas ao novo instrumento. Por exemplo, os copistas e os “papeleiros” (que vendiam livros manuscritos) e os cantores contadores de histórias profissionais, todos temiam – como acontecera com os operadores de teares manuais na Revolução Industrial – que a imprensa os privaria de seu meio de vida (BURKE, 2002a, p. 174).

Uma estrutura econômica já criada e em funcionamento acaba sofrendo um grande baque. Desempregos massivos, pessoas passando fome e um colapso social prestes a surgir. A Igreja temia que com a proliferação dos escritos oriundos da fabricação prestada pela imprensa de Gutemberg, incitasse os leigos a estudar de forma crítica os textos sagrados e as publicações de cunho teológico. Esses estudos críticos fariam o povo se voltar contra o clero romano e parar de se sujeitar aos mandos e desmandos do pontífice e de seus comandados; e de fato foi o que aconteceu (BURKE, 2002b, p. 174).

Com a estruturação dos jornais e folhetos, e com o objetivo das suas publicações serem feitas para atingir as grandes massas, governantes viram que os seus poderes, que antes eram absolutos, estavam entrando em ruínas com a informação sendo democratizada e o povo tendo acesso à ela. Conforme dissertado anteriormente, governos começaram a ser criticados, e a tática que era apenas para atingir a Igreja foi adotada também para atingir os governos políticos vigentes. Por volta da década de 1620, existiu um debate acalorado que foi expressado pelas obras do pintor italiano

Ludovico Zuccolo, que publicava suas imagens mostrando as discussões da população sobre as medidas governamentais. Segundo Peter Burke (2002c, p. 174)

Governos autoritários criticados pela imprensa enfrentavam um dilema muito semelhante ao das igrejas. Se não respondessem às críticas, poderiam dar a impressão de que não tinham argumentos a apresentar. Se, por outro lado, respondessem, ao fazê-lo estimulavam a própria liberdade de julgamento político que desaprovavam.

O acesso democratizado, as publicações sendo feitas de formas nunca vistas antes, claramente traria consequências. Não existia mais um controle do que era publicado. Já nesta época existiam informações falsas - as, como são conhecidas na atualidade, fake news. Essa expansão informacional precisava ser organizada para que o público conseguisse obter acesso preciso, formidável e com relevância. Surgem então grupos de estudiosos questionando e criticando a velocidade de produção em quantidades jamais vistas e com uma velocidade fora de série. Dentro desses grupos surgiu até a ideia de uma “censura erudita” para frear os avanços das desinformações ligados à área da ciência (BURKE, 2002, p. 175). Conforme essa explosão de informações foi ganhando margem, existiu uma preocupação em relação ao

“problema da preservação da informação e, ligado a isso, o da seleção e crítica de livros e autores. Em outras palavras, a nova invenção produziu uma necessidade de novos métodos de gerenciamento da informação” (BURKE, 2002, p. 175).

O acesso democratizado estava correndo riscos de ninguém mais ter acesso ao material que se deseja. Se durante a Idade Média o problema foi a falta de materiais publicados, durante o período das grandes transformações, o problema foi justamente o contrário: foi a sua grande e vasta publicação. A profundidade deste problema poderia ser resolvida com um controle maior sobre o que seria publicado, contudo, isto poderia beirar ao contrário do que justamente a Imprensa de Gutemberg tinha em sua essência: a democratização do saber. Para embasar o pensamento sobre estes problemas causados, Peter Burke vai dizer que

Por volta do ano de 1500 havia impressoras em mais de 250 centros europeus e elas já haviam produzido cerca de 27 mil edições. Fazendo uma estimativa conservadora de 500 exemplares por edição, haveria então algo em torno de 13 milhões de livros em circulação no ano de 1500 numa Europa de 100 milhões de habitantes (excluindo-se o mundo ortodoxo, que escrevia em grego ou russo ou eslavo eclesiástico). Já para o período entre 1500 e 1750, foram publicados na Europa tantos volumes cujos totais os estudiosos da história do livro não

conseguem ou não querem calcular (com base no índice de produção do século XV o total estaria ao redor de 130 milhões, mas de fato o índice de produção aumentou dramaticamente) (BURKE, 2002, p. 176).

Portanto, a Revolução da Imprensa trouxe benefícios e malefícios visíveis e perceptíveis para toda a Europa naquele contexto. Benefícios que temos até os dias atuais e que foram conquistados mediante à grande trabalho, às vezes sangues derramados e também perseverança. Perseverança de que a democratização do saber, o acesso à Deus, o pensar crítico e sem interferência de terceiros, era possível, era visível e era extremamente importante para o desenvolvimento da humanidade. Malefícios que temos também até os dias atuais como um grande fluxo de publicações sem qualidade e com mentiras fabricadas. No capítulo a seguir, continuaremos com os desdobramentos ligados intrinsecamente ao advento da imprensa. Desdobramentos que sentimos nos dias atuais e que com certeza fugiu da percepção de quem estava participando destes momentos da história.

4.1 ESCRITA E LEITURA: SUA MISSÃO NO CONTEXTO PRÉ-REFORMA

No capítulo anterior foi exposto o assunto sobre a escrita alfabética e a revolução tipográfica de Gutenberg. Em prosseguimento ao assunto dissertado, é essencial ser apresentado como era a escrita e a leitura no período anterior à Reforma de 1517. Assim, será possível visualizar o contexto histórico de um movimento que se concretiza na porta da Igreja de Wittenberg, na Alemanha.

Ao longo do período medieval a leitura de um manuscrito era feita em voz alta, ato que indica uma sociedade não alfabetizada e com pouquíssimas pessoas que possuíam acesso aos materiais bibliográficos. Segundo Manguel (1997, p. 63) “Até boa parte da Idade Média, os escritores supunham que seus leitores iriam escutar, em vez de simplesmente ver o texto, tal como pronunciavam em voz alta as palavras à medida que compunham”.

Poucas pessoas sabiam ler ou detinham de acesso à educação, então, leituras públicas, leituras prioritariamente em voz alta, eram comuns no cotidiano da sociedade daquele período. Em concordância com Rodrigues (2012)

O ato da leitura, no entanto, permaneceu público por muitos séculos, tal como se dava com o discurso oral. A palavra, mesmo escrita, estava submetida à atenção do grupo social. Não era de bom tom interpretá-la de maneira silenciosa e solitária, inclusive porque o grande número de analfabetos clamava pela chance de ouvir alguém que pudesse ressuscitar as palavras da superfície estática do papel, dando-lhes vida, de modo que fecundassem o ouvido humano com as luzes de uma sabedoria longínqua. (RODRIGUES, 2012, p. 188).

Sendo assim, os livros eram lidos em voz alta e, portanto, as letras ali gravadas não necessitavam de separações em unidades fonéticas, como vemos hoje. No século II d.C, um homem chamado Ptolomeu observou que

sobre critério (um livro que Agostinho [de Hipona] talvez conhecesse) que às vezes as pessoas lêem em silêncio quando estão se concentrando muito, porque dizer as palavras em voz alta distrai o pensamento. (MANGUEL, 1997, p. 59).

Posto isto, a leitura silenciosa só tornou-se normal a partir do século X. Este modo de leitura acabou implicando diretamente na produção dos manuscritos e logo começou a ser desenvolvida a separação das letras em palavras e também nas frases. Essa separação fez com que a rotina dos escribas mudasse totalmente, pois passou a existir um regulamento durante o século IX buscando propor uma exigência aos escribas para que fosse praticado o silêncio nos scriptorium (MANGUEL, 1997a, p. 67).

De acordo com Rodrigues (2012)

No século IX, é provável que a leitura silenciosa já fosse suficientemente comum no *scriptorium* para que os escribas começassem a separar cada palavra de suas vizinhas com vistas a simplificar a leitura. Isso também permitiu uma identificação mais clara dos elementos da oração, tais como sujeito, predicado, objetos adjetivos, complementos, contribuindo para o estudo da gramática. (RODRIGUES, 2012, p. 189).

Tal silenciamento era totalmente antagônico ao ritmo de trabalho que antes era praticado. Anteriormente a isto, o trabalho era em ritmo de muita conversação, tendo em vista que os trabalhos eram ditados em voz alta. É perceptível que ocorreu uma mudança na produção; modificação na qual se dá ao antagonismo que segundo Manguel (1997b),

depois que a leitura silenciosa tornou-se norma nos scriptorium, a comunicação entre os escribas passou a ser feitas por sinais: se queria um novo livro para copiar, o escriba virava páginas imaginárias; se precisava especificamente de um livro do Salmos, colocava as mãos sobre a cabeça, em forma de coroa (referência ao Rei Davi). (MANGUEL, 1997b, p. 67).

Para se chegar nos livros como conhecemos hoje, existiram mudanças profundas sobre o suporte informacional em que a escrita seria registrada. Ao longo da história, diversos suportes informacionais foram utilizados, segundo Tamayo de Serrano (2007)

Os livros manuscritos tinham a forma de pergaminhos, as páginas foram coladas e enroladas um “volume”. Para lê-los o sistema era pouco prático e as folhas foram encadernadas em um códice feito de tabuletas encadernadas, semelhante aos livros hoje, porque era muito mais prático e eu poderia ler cada página de ambos os lados. (TAMAYO DE SERRANO, 2007, p. 207, tradução nossa).

Mudanças que acabaram produzindo sementes para o advento que logo mais iria acontecer. Advento que mudou a história do Ocidente. As alterações elaboradas forneceriam munição para a Reforma Protestante. Este novo estilo de escrita, este novo estilo de leitura, seriam utilizados fortemente pelos pensadores humanistas e também pelos reformadores. A separação das palavras no momento da geração dos manuscritos tinha o intuito de ajudar os que detinham de pouca habilidade para ler, sendo assim, os monges fomentaram este método de escrita no qual o texto em linhas possuem pontuações que forneceriam ajuda ao leitor inseguro. Esta ajuda está ligada diretamente à formação do pensamento crítico da sociedade medieval e também da sociedade da modernidade.

Os escribas possuíam uma grande importância para o campo informacional. Eles eram os produtores dos manuscritos desde antes até do papiro, por exemplo. Não apenas produtores, contudo, também disseminadores e conservadores dos materiais informacionais. Logo, este ato possibilitou o avanço da cultura e da sociedade, e fixou a importância da escrita, não apenas pelo registro e sim pela transmissão de ideias.. Em concordância com o supracitado

cedo a classe conquistou o respeito e admiração gerais para o seu trabalho que, com o decorrer do tempo, passou de simples anotações contábeis à preparação de lembretes administrativo à redação da correspondência palaciana e da crônica oficial, culminando na composição literária, sem esquecer a cópia de tijolinhos para ampliar as bibliotecas, para a troca de textos com instituições irmãs ou (quem sabe?) para a venda ao público em geral. (OLIVEIRA, 1984, p. 54).

Alterações que estavam preparando o solo para a Reforma Protestante. Movimento na qual começou muito antes de 1517, começou com os pré-reformadores que já detinham do acesso a esses manuscritos com pontuações. Em seguida, poderá ser visto que o movimento do humanismo utilizará esta ferramenta para a leitura dos manuscritos medievais.

4.2 O HUMANISMO E OS MANUSCRITOS MEDIEVAIS

O acontecimento da Reforma Protestante está intrinsecamente ligado à área de Biblioteconomia, Educação, Filosofia e demais áreas dos saberes. A ligação com o campo biblioteconômico se dá devido às informações, aos adventos tecnológicos e à grande expansão informacional e sua disseminação devido à Imprensa de Gutemberg.

Anteriormente à Reforma, ocorreram diversos fatores que acabaram culminando na germinação de um movimento eclodido por Martinho Lutero e outros reformadores. Anteriormente, a escrita de um material bibliográfico era feita lentamente, contudo, com a imprensa de materiais maleáveis, a produção literária e documentária explodiu.

Explosão informacional que está ligada diretamente ao novo modo de leitura: anteriormente era uma leitura oral, agora já se dava através de uma leitura silenciosa. Leitura silenciosa na qual mudou completamente a forma de fabricação dos livros por parte dos copistas dos mosteiros. Preliminarmente, conforme já foi descrito nesta dissertação, existiam muitas conversas dentro dos scriptorius, porém, posteriormente não tal prática foi diminuindo; as conversas eram limitadas e utilizadas apenas quando realmente fosse necessário.

O Humanismo e os manuscritos medievais estão em comunicação direta com a Revolução Tipográfica de Gutemberg e a Reforma Protestante. Noutro tempo, as fabricações literárias estavam sob o controle dos copistas, da Igreja e do Estado; com a prensa tipográfica de metais, não mais. Em outro tempo, poucos tinham acesso às obras produzidas, tanto por conta da baixa alfabetização, quanto também pela censura e monopólio da Igreja Romana.

A Filosofia que imperava na Idade Média era o Escolasticismo. A escolástica era uma aprendizagem criada dentro das escolas monásticas cristãs que possuíam um pensamento racional, ligado diretamente com a filosofia grega. Segundo Dunstan (1964)

Na vida intelectual, a escolástica, que estabelecera limites para a extensão e método do pensamento, cedeu ao impacto da redescoberta dos filósofos antigos, do que resultou o crescimento da livre discussão entre os eruditos, o desenvolvimento de novas diretrizes e métodos de investigação e o estabelecimento de novas universidades em que o estudo da sabedoria clássica foi levado para diante. (DUNSTAN, 1964, p. 13)

Essa discussão empreendida após a recuperação dos pensamentos dos filósofos gregos se dá por conta dos armarius. Os armarius eram os bibliotecários da época, pode-se dizer assim, e eram responsáveis também pela conservação e preservação destes manuscritos. Manuscritos nos quais

foram utilizados para a implementação de altos debates dentro da academia em uma Europa que ainda estava engatinhando para a democratização informacional.

O pensamento crítico, por assim dizer, está em concordância com o que o Movimento Humanista pregava. O Humanismo estava trazendo de volta a racionalidade do debate, trazendo de volta a importância do homem, a sua liberdade de pensar e se comunicar com Deus através do seu intelecto e sem mediação do clero. O ressurgimento do pensamento sobre Fé e Razão também trouxe altos impactos para o pensamento filosófico e teológico da Igreja, pois o racionalismo não excluía a fé ou a anulava, entretanto, a confirmava. Em concordância ao supracitado, Dunstan (1964, p. 85) vai dizer que “Quanto maior importância se der à Razão, tanto mais se enriquece a Revelação; que tendo sido delineada para exaltar e aperfeiçoar a nossa Natureza racional, deve ser em si mesma razoável”.

A racionalidade ganhou campo, ganhou notoriedade dentro da sociedade e extrapolou as barreiras dos muros acadêmicos; transpassou do campo elitizado e chegou ao campo popular. A leitura silenciosa ganharia espaço para a leitura oral. Tal leitura silenciosa que causaria uma leitura mais crítica, reduziria as perdas de atenções e traria mais consistência ao leitor.

Após diversas modificações, modificações que causaram o progresso, aquela semente germinada pela leitura silenciosa chegaria de fato a ganhar raízes. Com o avanço do tempo, tal produção literária, agora tendo uma leitura silenciosa, ajudou a difundir o pensamento protestante. O pensamento protestante não começou com Lutero, mas começou muito antes dele. Pensamento no qual possuía grande influência do escolasticismo e portanto, conforme os padres possuíam acesso à educação, eles começaram a reler os Sagrados Textos de maneira crítica e conseqüentemente à isto, defenderam valores diferentes da Igreja.

Os clérigos tinham acesso livre às bibliotecas públicas, que não eram públicas, pois só pessoas com alto estilo social poderiam ter acesso, no qual os livros produzidos pelos monges copistas poderiam ser utilizados. Os manuscritos são as munições filosóficas que estavam sendo utilizadas para o processo reformador do século XVI.

Pessoas não letradas, com baixa escolaridade, sentavam-se e escutavam o orador ler o livro. A pessoa letrada, aquela que detinha de uma escolaridade alta, recitava os versos do livro, já com o pensamento humanista introduzido em sua cosmovisão, e isso começava a indagar a população. Seria um erro afirmar que a Reforma Protestante começou de um ato aleatório, porém, é um acerto afirmar que este movimento intelectual, político e religioso ocorreu após longo cuidado e cultivo do solo pelos que vieram antes.

As bibliotecas tiveram notória importância para o movimento humanista ganhar corpo e capilaridade. Por mais que apenas os padres e alguns ramos sociais tivessem acesso a esta unidade informacional, ainda assim, possui seu grande valor. Antes da Idade Média, já existia ou existiram outras bibliotecas, como a de Alexandria e de acordo com Coria (2017)

Surgem assim, somando-se as tradicionais as bibliotecas cristãs, por impulso sobre todos os Padres, e as que não eram públicas, por outro lado o seu acesso estava restringido aos intelectuais cristãos e para uso interno. (CORIA, 2017, p. 448, tradução nossa).

As bibliotecas privadas, as quais nem todos possuíam acesso, acabaram tornando-se o centro da disseminação pré-reformista. Com o auxílio de materiais manuscritos, produzidos pelos mosteiros e pelos copistas, estava em progresso uma Reforma que abalaria o cenário Europeu. Mesmo antes do livro impresso, já existiam debates. Mesmo antes da imprensa de Gutenberg, reformadores já estavam colocando em prática os seus pensamentos. Contudo, apenas com a imprensa tipográfica, o pensamento humanista conjuntamente com o reformista, teve seu sucesso. Com a produção literária em alta escala, foi possibilitado averiguar as Escrituras Sagradas em sua fonte original.

Figura 3 - Culto com as pessoas tendo acesso irrestrito à Bíblia Sagrada.



Fonte: CHARTIER, 1999.

Sendo assim, percebe-se que a Reforma Protestante nasceu muito antes de 1517 ou do nascimento de Lutero. Os ideais humanistas reacenderam o que os pré-reformadores já exclamavam. A leitura crítica, a leitura nos originais na fonte, o pensamento em que retoma o homem como importância na cosmovisão do mundo, foi de extrema importância para os acontecimentos aqui dissertados. Logo, segundo Dunstan (1964)

Este mesmo renascimento do espírito humano foi a força motriz no protestantismo. Existiam certas condições, na época, que agitavam os homens, suscitando dúvidas, dentro deles, quanto à adequação das autoridades sob que viviam, e propondo-lhes questões para meditação a que, anteriormente, não tinham fácil acesso (DUNSTAN, 1964, p. 18)

Portanto, é notoriamente explicitado o papel do humanismo e os manuscritos medievais na formação e concepção da Reforma Protestante. Sem dúvidas, é um movimento no qual mudou o rumo

da história e a seguir, será exposto esta movimentação que abalou as estruturas medievais e inaugurou a modernidade.

5 A REFORMA PROTESTANTE

Talvez a maior revolução, ruptura ou mudança radical do *status quo* de uma sociedade. Talvez apenas uma reforma religiosa sem grandes consequências. Sem dúvidas, foi um movimento que buscou romper com barreiras e mudar o pensamento de sua época. A Reforma Protestante possui mais de 500 anos de existência e até hoje não foi possível se ter uma dimensão estabelecida sobre o seu impacto, sobre a sua significância exata e sobre os diversos pensamentos que permeiam até os dias de hoje em nossa sociedade. Neste capítulo serão analisados os atributos, suas consequências e sua contextualização para tentarmos entender o que houve na Europa do século XVI que mudou completamente o rumo da história do Ocidente. O Teólogo Hernandes Dias Lopes traz uma definição sobre a Reforma dizendo que

A Reforma foi um movimento que visou trazer a igreja à pureza original do cristianismo segundo o Novo Testamento. Depois do Pentecostes, a Reforma do século 16 foi o maior movimento espiritual ocorrido dentro da igreja. Representou uma volta à Bíblia, ao ensino dos apóstolos e, por consequência, uma rejeição total a qualquer doutrina sem base nas Escrituras. (LOPES, 2018, p. 51).

A Reforma Protestante nasceu definitivamente no seio do movimento humanista por volta do século XVI. Movimento no qual buscava valorizar as ações e os valores morais, tendo em vista em sua centralidade que o homem é responsável pela criação e desenvolvimento destes valores. A definição que melhor trata o pensamento do movimento humanista, no contexto da reforma, é que este movimento entendia que a reforma possuía em sua genética um olhar não apenas para o aspecto religioso, porém também para o papel cultural e educacional, primeiramente na eloquência da oratória e da escrita e somente posteriormente com questões filosóficas e políticas (MCGRATH, 2019, p. 44).

Dentro deste contexto, surge um monge católico chamado Martinho Lutero. O religioso por ser letrado, ter estudado nas melhores escolas e possuir uma ótima leitura e entendimento teológico, se depara com ações duvidosas praticadas pela Igreja Católica. Esse olhar mais criterioso ascendeu após a Igreja continuar vendendo as Indulgências. Segundo Fernanda Pissurno (2019a?) “As indulgências consistiam na remissão completa dos pecados cometidos por um indivíduo por meio de pagamento monetário, teoricamente calculado com base na posição social e cada pecado que deveria ser perdoado.” Com o Movimento Humanista cada vez mais forte e também

Com o avanço dos séculos, a venda de indulgências passou a ser cada vez mais uma forma de ganho financeiro fácil para a Igreja Católica. Em meio ao desenvolvimento e crescimento durante os séculos XIV e XV do movimento

intelectual conhecido como Humanismo, que defendia a superação de antigas estruturas medievais, as vendas de indulgências passaram a ser cada vez mais criticadas, juntamente com outro importante meio de ganho financeiro da Igreja: a venda de objetos sacros. (PISSURNO, 2019?b).

Logo, é necessário ser afirmado de antemão que as ideias nas quais Lutero defendia, não eram de sua própria autoria, porém, era um resgate das antigas “heresias” combatidas pela a Igreja (MCGRATH, 2019, p. 38-39). A Universidade de Paris vai expressar que os "precursores" da reforma só existiram por conta de apresentarem as heresias mais antigas, por exemplo. Conforme o dissertado nesta pesquisa, existiram outros pensadores anteriores a Lutero, por exemplo, e que perderam as suas vidas pelas mesmas ideias que agora o pensador alemão estava reintroduzindo na sociedade europeia.

Em consequência destes fatos, é notoriamente conhecido que Lutero não foi o único a assumir a defesa e a execução dos ideais reformistas, contanto a polêmica acabou-se sendo concentrada nele devido as 95 teses publicadas na porta da Igreja em Wittenberg, uma afronta direta à Roma, e acabou que não se concentrou em outros reformadores como o suíço Zwinglio (MCGRATH, 2019, p. 39).

Figura 4 - Martinho Lutero pregando as 95 Teses na porta da Igreja de Wittenberg



Fonte: Imagem reproduzida pelo Instituto Humanitas Unisinos, 2016.

A Europa do século XIV, XV e XVI sofreu danos por conta da fome e das doenças que assolavam o continente. Vidas foram perdidas, sonhos foram sacrificados e o aumento de pessoas passando fome foi aumentando. Segundo BASCOPE; NASCIMENTO; MILDENBERG; ALMEIDA (2022, p. 162)

Em virtude da grande fome que assolava a sociedade medieval, a peste negra que dizimava milhares de vidas, e a Guerra dos Cem Anos cercada de seus conflitos sangrentos no confronto entre França e Inglaterra, contribuiu negativamente com a desolação e conseqüentemente dificultou a economia de nobres e servos. Por consequência da peste negra e da guerra, os senhores feudais tiveram dificuldades financeiras para suprir suas necessidades e por isso aumentaram os impostos dos trabalhadores camponeses que haviam sobrevivido às catástrofes. A junção de escassez, epidemias e mortalidades, anunciavam o fim da Idade Média.

A fome trouxe uma mudança na conjuntura econômica, fazendo as pessoas do campo migrarem às pressas para as cidades que estavam sendo consolidadas. Esta mudança inflamou a sociedade rural que pagava altas taxas à monarquia e também ao clero. Os anos foram avançando e a peste acabou diminuindo durante a reforma, contudo, acabou quase levando a vida do reformador suíço Zwinglio (LINDBERG, 2021, p. 52).

Com o ato migratório do povo do campo para a cidade, acabou possibilitando o acesso de mais pessoas à Reforma que estava em marcha nesta Europa colapsada e

O crescimento populacional nas áreas urbanas era estimulado pela nova economia, baseada na moeda, e por novas ideias, o que tornava centros urbanos tanto lugares de mudança criativa e oportunidade quanto de conflito social (LINDBERG, 2017, p. 59).

Com mais pessoas morando em cidades, ideias iam surgindo e as cidades possuíam uma grande preocupação com a comunicação e conseqüentemente com a expansão da educação aos leigos. Acesso que poderia determinar as diretrizes daquele povo, daquela sociedade e também no que estava por vir. Um período anterior à reforma,

“o número de universidades europeias havia aumentado de 20 para 70 em virtude do esforço dos monarcas, príncipes e comerciantes ricos. A universidade de Wittenberg, por exemplo, foi fundada pelo príncipe Frederico, o Sábio, em 1502. Uma estimativa conservadora sobre o índice de alfabetização sugere que 5% da população geral e 30% da população urbana sabiam ler por volta do início do século XVI. Entretanto, é importante saber que a comunicação de ideias não se limitava à alfabetização: quem sabia ler, transmitia ideias para quem não sabia; Assim a publicação de milhares de panfletos e sermões da Reforma era planejada de modo a alcançar letrados e iletrados. “Fé”, conforme enfatizava Lutero ‘vem por se ouvir a mensagem’ (Romanos 10:17)”. (LINDBERG, 2017, p. 60).

A Reforma acaba sendo posicionada em um momento em que a Imprensa de Gutenberg havia obtido êxito, este êxito significava para os reformadores uma possibilidade que não havia existido antes: disseminação de informações para combater as doutrinas católica. Tal ato acabou

desencadeando um grande aumento na produção de livros, expandindo com rapidez o mercado editorial (LINDBERG, 2017, p. 61).

Diferentemente da Idade Média, o livro acaba ganhando um novo caráter com os reformadores: transmissor de opiniões. Opiniões nas quais eram lançadas diretamente contra as doutrinas protocoladas por Roma e que na visão dos reformadores iriam em direção contrária ao Novo Testamento. Os reformadores tinham a máquina na mão e se utilizassem de maneira devida, o impacto seria grande, pois, os sermões, os ideais e os pensamentos reformados estariam em circulação por toda a Europa por meio de folhetins e jornais e acessíveis para todos e todas. Em concordância com este pensamento, Budke (2016, p. 260) vai dizer que “Lutero era favorável ao uso das mídias sociais para que a mensagem cristã se espalhasse como uma ‘epidemia’ (apud GUTEID, 1997, p. 71). Em harmonia com o supracitado, é perceptível ver que Lutero sabia o que fazer e como conciliar os pensamentos dos reformadores à uma comunicação de massa e segundo Lindberg (2017, p. 62)

Lutero dominou uma campanha propagandista e um movimento em massa em nível tal que até onde sabemos, nenhum outro conseguiu desde então. Nem mesmo homens como Lenin, Mao Tse-tung, Thomas Jefferson, John Adams e Patrick Henry obtiveram tamanho sucesso. (apud EDWARDS, 1994, p. 12).

O vasto entendimento em como se comunicar com as massas foi primordial para o sucesso da Reforma. Lutero vinha debatendo anos com a Igreja e o seu pensamento não era de criar uma nova religião dentro do prisma cristão, porém, era reformar a Igreja de dentro para fora. Com o endurecimento do coração dos líderes, principalmente do Papa, a Reforma acabou acontecendo de fora para dentro no dia 31 de outubro de 1517 na porta da Igreja de Wittenberg.

As Igrejas que existiam durante o século XVI eram construídas no centro da vida social e cultural de uma sociedade (BUDKE, 2016, p. 261). Essas construções das Igrejas em centros urbanos, acabaram sendo utilizadas de forma estratégica para a propagação dos conceitos defendidos pelos reformadores. Lutero utiliza esse conjunto de fatores aliando em conjunto o dia das bruxas, levando em consideração que a cidade ficava lotada e sendo assim,

ele encontrou nas portas da Igreja de Wittenberg um local visível para publicar seu tratado teológico sobre as indulgências. O intuito do reformador era alcançar não somente as pessoas que procuravam as celebrações religiosas da Igreja de Wittenberg, mas o público geral que nas redondezas transitava cotidianamente. (apud GONZALEZ, 1983, p. 115-117).

Ao demarcar território, ao comprar de vez a briga pela volta do cristianismo ao pensamento do início da Igreja, Lutero coloca como estratégia as 95 Teses. A partir de então, a cidade se tornou um caldeirão e os pensamentos eram partilhados, debatidos e concebidos por uma sociedade que

estava, por conta do advento humanista, procurando se libertar das amarras romanas. Em concordância à isto, Budke (2016) diz que

Lutero, ao marcar uma lista de proposições teológicas na porta da Igreja de Wittenberg, apropriou-se do modelo comunicacional utilizado pelas universidades nos tradicionais murais de avisos e que representavam o ponto de partida para o debate público de ideais (BUDKE, 2016, p. 266).

A fomentação destes pensamentos libertários, possivelmente revolucionários, trouxe uma nova perspectiva de vida ao cristianismo ortodoxo e que rompeu definitivamente com a Igreja Romana: se antes a salvação se dava pela compra das indulgências, agora a salvação volta a ser atrelada pela Graça mediante a fé¹ e o homem viverá de fé em fé². Esta nova visão teológica traria uma ruptura definitiva entre a Igreja e Lutero; entre a Igreja e a sociedade. Lutero entendia que a cobrança das indulgências, em troca da salvação, era incompatível com a mensagem anunciada pelo Apóstolo Paulo de Tarsos, localizada em Romanos 1:17 e Efésios 2:8-9. Essa nova concepção teológica a respeito do capítulo 1 da Carta aos Romanos, escrita pelo Apóstolo Paulo, Lutero acaba tendo a compreensão de que os esforços humanos são incapazes de alcançar a salvação plena e que esta salvação é apenas por meio da fé na Graça depositada por Jesus aos seus filhos. Em concordância a este fato, González (apud BASCOPE; NASCIMENTO; MILDENBERG; ALMEIDA, 2022, p. 168) diz que

Em consequência, continua comentando Lutero sobre sua descoberta, “senti que havia nascido de novo e que as portas do paraíso me haviam sido abertas. Todas as Escrituras tiveram novo sentido. A partir de então, a frase ‘a justiça de Deus’ não me encheu mais de ódio, mas se tomou indizivelmente doce em virtude de um grande amor”. (GONZÁLEZ, 2011, p. 23).

A vigente compreensão trouxe luz aos homens e fez com que o acesso ao Deus Trino fosse “aberto” novamente. Agora não era mais necessário pagar indulgências, penitências e nem qualquer outra coisa para se obter a salvação, bastava apenas crer em Jesus e viver pela fé.

Uma sociedade que estava em êxtase por não estar mais ligada definitivamente à Roma, mais adiante encontrará barreiras e desafios para a consolidação definitiva da Reforma Protestante: a Contra-Reforma inaugurada pelo Papa Paulo III. Contudo, iniciativas já haviam sido tomadas,

¹ Carta aos Efésios 2:8-9: “Porque pela graça vocês são salvos, mediante a fé; e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie.”

² Carta aos Romanos 1:17: “Porque a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: ‘O justo viverá por fé.’”

mudanças programadas e executadas, e uma nova visão e entendimento de mundo havia sido inaugurado mediante a propagação da Reforma Protestante.

Sendo assim, é notório que após averiguações literárias, afirmar que a Reforma Protestante trouxe benefícios à sociedade, pois ocasionou pensamentos de liberdade para o povo europeu, consequentemente também ao povo ocidental em geral. Assim como em qualquer revolução, existem erros praticados por todos os lados. Adiante, abordaremos um movimento que se opôs à Reforma Protestante: a Contra-Reforma Católica.

5.1 O MOVIMENTO DE CONTRA-REFORMA CATÓLICA

A Contra-Reforma foi uma mobilização de cunho católico em oposição à Reforma Protestante. Este empenho visava a reestruturação da Igreja Romana com o intuito de serem feitas ofensivas, tanto intelectual, quanto fisicamente. Este grande movimento, surgiu ao ser realizado o Concílio de Trento, no qual foi buscada a convocação dos líderes da Igreja para traçarem planos e se organizarem para debaterem os argumentos protestantes. O Concílio de Trento forneceu à Igreja uma declaração total de sua doutrina, buscando sempre enfatizar a sua discordância com a teologia protestante (LOPES, 2018, p. 56).

Conforme o trabalhado sobre esta dissertação, o foco e objetivo é analisar o papel da imprensa de Gutemberg na Reforma Protestante inaugurada em 1517 na Europa. A Reforma Protestante não se limitou apenas aos que aderiram à teologia reformada, contudo, ao longo da história, após análise, é perceptível que por parte da Igreja Católica Romana também surgiram reflexos que desencadearam algumas reações que fortaleceram a Igreja. Reações nas quais surgiram após a publicação dos decretos tridentinos e principalmente sobre o Índice dos Livros Proibidos.

No caminhar da história, o Papa Paulo III convocou mais um Concílio da Igreja. O Concílio de Trento, realizado na data do mês de Dezembro, perdurou do ano de 1545 a 1563 do mesmo mês, foi efetuado na cidade de Trento, na Itália. Tal evento que marcaria o presente e o futuro da Igreja Romana foi embasado após reflexões sobre o que havia ocorrido no pós-reforma. Segundo Mondin

A importância desse Concílio não tem precedentes, tanto para a vida da Igreja quanto para sua doutrina: para a vida, porque salvou a Igreja da ruína completa que ameaçava, tanto interna quanto externamente; para a doutrina, porque recolheu, esmiuçou e avaliou o imenso material que fora acumulado através dos séculos, desencadeando assim o renascimento pós-tridentino. (MONDIN, 2003, p. 400).

Esta reunião buscou confirmar diversas das maiorias crenças e práticas que a Igreja vinha adotando e condenou as doutrinas e pensamentos protestantes. Crenças nas quais são debatidas até os dias de hoje, como, por exemplo, a presença real ou não de Cristo na Eucaristia. Segundo Acyr Gerone Jr.,

O Credo Niceno foi reafirmado. Os sete sacramentos foram confirmados em contraposição à afirmação protestante de que somente o Batismo e a Ceia constituíam os sacramentos. A presença real de Cristo na Eucaristia foi ressaltada e outros ensinamentos da doutrina católica foram discutidos e confirmados. As indulgências, por exemplo, que tinham sido causa da fixação das teses de Lutero em Wittemberg, foram validadas, com a ressalva de que fossem praticadas com moderação e sem a necessidade de pagamento para obtê-las. (GERONE JUNIOR, 2022a, p. 148).

É indiscutível que a Reforma Protestante, e também o pensamento humanista, fizeram com que a Igreja Católica Romana analisasse criticamente suas posturas adotadas ao longo da história do cristianismo. A análise possibilitou a Igreja defender seus ideais, seus dogmas, sua fé e apresentar uma apologética condizente com o que afirmava através de seu credo e práticas. O Renascimento estimulou modificações importantes dentro do campo intelectual e que acabou por fim contribuindo para o desenvolvimento e progresso da Reforma, mas também, para a solidificação das teses católicas contrárias ao protestantismo. Uma era marcada pelo estudo, desenvolvimento e a preocupação do avanço do intelecto humano.

Ao decorrer da história, a Igreja Católica ficou marcada, indevidamente, pela sua total discordância a respeito das Sagradas Escrituras. A Igreja Católica contribuiu fortemente, durante o período da Contra-Reforma, para a difusão do texto sagrado. Sua posição contrária à disponibilização dos textos aos leigos, naquele contexto posterior à reforma, era por conta do cuidado em relação à leitura e as traduções das escrituras (GERONE JUNIOR, 2022, p. 142-143). Para embasar este pensamento, Denzinger e Hünemann apud Gerone Junior (2022, p. 143) utiliza uma extração de um decreto de Pio IV no qual diz que

Já que a experiência mostra que, se se permite a sagrada Bíblia em língua vulgar em todo lugar indiscriminadamente, daí surge mais dano que utilidade, por causa da temeridade dos homens, compete, neste ponto, ao juízo do bispo ou do inquisidor, com o conselho do pároco, conceder a leitura dos livros bíblicos traduzidos em língua vernácula por autores católicos àqueles que, segundo sua percepção, possam de tal leitura receber não dano, mas aumento de fé e piedade.

Desta forma, a Igreja sinalizava que buscava um tratamento e um cuidado, por zelo, com o leitor para que não surgissem doutrinas, heresias, concepções e distorções após uma leitura equivocada da Bíblia. A produção desenfreada de textos, neste caso específico da Bíblia, já não tinha mais como ser controlada. Já não tinha mais como ter o controle, também, da qualidade e a veracidade dos materiais publicados e traduzidos. A posição em que as Igrejas Reformadas tomaram, em relação ao livre exame, tinha seus prós e contras. Se por um lado, estimulava a leitura e o estudo, por outro lado, as errôneas interpretações fomentaram heresias que surgiram através disto.

Um grave problema constatado e exposto pelos reformadores era a má formação e despreparo dos clérigos em relação à Bíblia, por exemplo. Devido às proporções causadas pelo o impacto da Reforma, o Concílio de Trento também criou mecanismo para aprofundar o conhecimento do clero e instaurou os seminários que tinham como objetivo preparar melhor os sacerdotes para debater com os protestantes e também com movimentos filosóficos que surgiram e surgiriam ao longo da história.

É inegável que o movimento de Contra-Reforma acabou reformando a Igreja Católica. Com a propagação dos ensinamentos de cunho protestante, através do Concílio de Trento, surgiram diversas ordens religiosas, como, por exemplo, os Jesuítas. Essas ordens religiosas tinham como pilar o combate ao pensamento reformado, visando o retardamento do crescimento protestante, contudo, também, contribuir com a fé católica e a sua propagação.

Mecanismos como a Inquisição e o Índice dos Livros Proibidos foram resultados também desta medida para frear quem fugia do *status quo* romano. Livros eram queimados e os autores deles também. A Inquisição Espanhola ganhou notoriedade por conta de como era praticada, contudo, surpreendentemente não se tem noção total de como foi. A informação, mesmo em uma era onde tudo era publicado, não ocorreu. A aliança entre o Estado Espanhol e a Igreja, não era apenas em relação à religião, mas também por conta da cultura e da economia, segundo Lindberg (2017, p. 391) “A inquisição espanhola estava intimamente ligada ao Estado”.

Figura 5 - Queima de Livros na Inquisição



Fonte: Meio Norte, 2020.

A Reforma não mudou apenas o pensamento teológico de uma sociedade, mas dentro destes pensamentos estavam também incumbidas ideologias e conceitos econômicos, sociais e educacionais. Os contra-reformadores possuíam em seus intelectos que era necessário barrar as publicações e as opiniões para o retrocesso da reforma e o avanço da renovação católica.

Portanto, neste tópico foi possível averiguar e entender o movimento contrário à Reforma Protestante e também expor e combater inverdades teológicas como: venda de objetos sacros, venda de indulgências e penitências.

Adiante, veremos os desdobramentos que a Reforma e a Contra-reforma trouxeram para o campo econômico e também educacional da Europa e conseqüentemente do mundo. Sendo assim, é notório a importância da circulação da informação que a prensa de Gutemberg, Reforma Protestante e a Contra-Reforma trouxeram para a sociedade, pois ela possibilitou os debates, os contrapontos, o avanço e o progresso da sociedade.

6 A EDUCAÇÃO COMO COMBUSTÍVEL PARA A REFORMA PROTESTANTE

A Reforma Protestante tinha como uma de suas cinco solas, a sola scriptura (somente a escritura). Para se gozar completamente desta teoria, era necessário que as pessoas soubessem ler e ter domínio de sua língua natal para então conseguir entender as Sagradas Escrituras em sua versão vernácula. Os reformadores sabiam que era necessário para a explosão definitiva do movimento que as pessoas pudessem ter acesso à educação básica, média e superior.

O monge agostiniano, Martinho Lutero, tinha clara noção que a reforma necessitava do apoio incondicional da educação. Os reformadores, de forma geral, estavam preocupados não somente com a parte educacional, contudo, com também a solidificação de uma nova cultura. Segundo Monroe (1979)

Lutero via claramente a importância fundamental da educação universal para a Reforma e a preconizou insistentemente em suas pregações. O ensino deveria

chegar a todo o povo, nobre e plebeu, rico e pobre; deveria beneficiar meninos e meninas - avanço notável; finalmente, o Estado deveria decretar leis para frequência obrigatória [...] Era opinião de Lutero, ainda, que o Estado tinha o dever de obrigar os seus súditos a enviar seus filhos à escola, da mesma forma que compelia todos eles a prestar serviço militar para sua defesa e prosperidade. Consequentemente, a educação deveria ser mantida e dirigida pelo Estado. (MONROE, 1979, p. 179).

O modelo educacional católico era engessado e não buscava uma formação crítica, logo, uma formação educacional fomentada pelo Estado, sem influência católica, capacitaria uma geração inteira e assim, mais pessoas poderiam ler as Escrituras, textos teológicos e outros materiais bibliográficos oriundos da Imprensa Tipográfica de Gutemberg de maneira não influenciada pelo catolicismo romano. É possível ser observado que os reformadores são fundamentais para a metodologia pedagógica que é possível ser encontrada nos dias atuais na sociedade.

Voltando ao pensamento remetente a Sola Scriptura, este termo em Latim diz que somente as escrituras são válidas como fonte de decisão final e isto acaba indo de frente ao ensino católico que coloca a tradição acima dela. Este princípio, da Sola Scriptura, tende a existir uma necessidade vital de possuir uma educação geral e mais abrangente, no qual atinja a todos buscando a democratização e universalização de seu acesso. Portanto, este pensamento está diretamente ligado a ideia em que todos deveriam ler e ter acesso a Bíblia e não somente o clero.

A concepção do modelo educacional que hoje é conhecido em ampla maioria, nos formatos de ensino fundamental, médio e superior, esta sistematização em três blocos, é oriunda da cosmovisão de Lutero. Em 1527 passa a existir a primeira universidade protestante, criada por recomendação de Lutero e em seguida outras instituições começam a surgir, como, por exemplo, a Academia de Genebra, criada pelo Reformador João Calvino.

A questão educacional era tão latente a Lutero que ele fazia críticas duras aos pais, responsáveis pelas crianças e adolescentes, pelo negligenciamento ao educar seus filhos. Em sua cosmovisão, ou seja, seu modo de enxergar e pensar o mundo, estava enraizada que a educação era o progresso da sociedade e o sucesso, mas também, a consolidação da Reforma. Em ação a tal pensamento, ele diz em uma de suas cartas endereçadas aos prefeitos e notórios representante da sociedade o seguinte

É realmente um pecado e uma vergonha que tenhamos de ser estimulados e incitados ao dever de educar nossas crianças e de considerar seus interesses mais sublimes, ao passo que a própria natureza deve-nos-ia impelir a isso e o exemplo dos brutos nos fornece variada instrução. Não há animal irracional que não cuide e instrua seu filhote no que este deve saber, exceção feita à avestruz, de quem diz Deus: “Ela (a fêmea avestruz) põe seus ovos na terra e

os aquece na areia; e é dura com seus filhotes, como se não fossem dela”. E de que adiantaria se possuíssemos e realizássemos tudo o mais, e nos tornássemos santos perfeitos, se negligenciássemos aquilo por que essencialmente vivemos, a saber, cuidar dos jovens? Em minha opinião não há nenhuma outra ofensa visível que, aos olhos de Deus, seja um fardo tão pesado para o mundo e mereça castigo tão duro quanto a negligência na educação das crianças. (MAYER, 1976, p. 250-251).

Sem dúvidas, o pensamento humanista e o renascimento inflamaram a aceleração da produção de livros e sendo assim, também foi de extrema importância para a parte educacional. Uma educação crítica, não baseada em dogmas, mas sim na ciência, sem dúvidas, ajudou na solidificação da Europa como hoje é vista.

As propostas educacionais explanadas por Lutero, não foi idealizada por ele em carreira solo, contudo, teve forte influência de Filipe Melanchton e Johannes Bugenhagen. Essa preocupação com a formação educacional da sociedade ardia o coração de Lutero e dos reformadores e segundo Barbosa e Assis (2018),

Em seu discurso, faz um apelo para que as famílias com piores condições financeiras não instruísem os filhos apenas para exercerem um ofício e contribuíssem com o rendimento familiar, mas especialmente essas crianças deveriam ser enviadas à escola para aprender a ler, escrever, entender o latim, entre outros, e futuramente exercerem profissões comuns na sociedade (BARBOSA; ASSIS, 2018, p. 274)

É perceptível um pensamento humanista em Lutero, pois ele sabia que a formação intelectual do homem, ajudaria a ele ter uma vida mais rica espiritualmente com Deus e isso seria sem o intermédio de uma terceira pessoa. O pensamento educacional exposto pelo reformador, foi propulsor para as mulheres garantirem o acesso à educação sem restrição e isto foi um marco para a sociedade (BARBOSA; ASSIS, 2018). O monge enfatizava também que a igreja deveria perder o monopólio e a educação passasse a ser provida pelo o Estado (BARBOSA; ASSIS, 2018, p. 275). Com o investimento e a provisão vinda pelo Estado, era possível o avanço da reforma no assunto relacionada à educação.

Uma sociedade com acesso irrestrito à educação, incluindo as mulheres, traria desenvolvimento e segundo Silva (2017)

O projeto pedagógico de Lutero também golpeava o medievo em termos de educação e cultura, porque sua proposta de escolarização objetivava melhor gerir os negócios da vida. Ao propor uma educação cristã, laica, mantida pelo Estado contrariava frontalmente as escolas medievais mantidas pela Igreja e

que se propunha a formar monges (escolas monásticas) nos mosteiros, ou candidatos ao clero e desejosos de instrução profissional (escola catedrais) nos centros episcopais (SILVA, 2017, p. 605).

Com uma proposta educacional jamais vista, é sem discordância que isso traria um avanço para a sociedade e estruturas sociais seriam mudadas. Nesse mesmo ritmo, as universidades serviram como um motor para uma sociedade que emanava gasolina. O advento da Reforma, com a disseminação dos livros oriundos da prensa de Gutemberg, universidades foram surgindo e conseqüentemente a sociedade avançou a passos largos na direção da valorização e difusão do conhecimento.

Sendo assim, Darcy Ribeiro (1978) diz que

evidenciamos que uma universidade tanto pode desempenhar o papel de instrumento da consolidação da ordem social vigente, como, em certas circunstâncias, afortunar, atuar na qualidade de órgão transformador desta mesma (RIBEIRO, 1978, p. 173)

Portanto, as universidades possuíram, como nos dias atuais ainda possuem, o papel humanista de expansão e progresso de uma sociedade. Progressos, avanços, rompimentos e mudanças pessoais. Sociedades em fervorosos crescimentos e em consolidação. A educação gratuita, laica e universal sempre foi aliada do crescimento e da justiça social. Logo, ficará evidente, no próximo capítulo, que os países que adotaram a Reforma Protestante foram os que mais se desenvolveram economicamente, educacionalmente e culturalmente.

7 A REFORMA PROTESTANTE, A IMPRENSA E O CONHECIMENTO COMO “ESPÍRITOS DO CAPITALISMO”.

Ao decorrer desta monografia foi buscado enfatizar e mostrar por meio de referências bibliográficas que a Reforma Protestante não foi apenas um movimento de caráter religioso. Conforme foi descrito no capítulo anterior, os países que adotaram a fé reformada foram os que mais se desenvolveram em múltiplos setores da sociedade. Ainda em desdobramento deste fato, é possível analisar que Max Weber, sociólogo alemão, contribuiu vitalmente para este processo.

O sociólogo Max Weber foi um dos maiores defensores da existência de uma ligação íntima do protestantismo e do espírito capitalista. A promoção da ética como procedência da satisfação pessoal, ou seja, privada, de adoração ao Deus-Trino e de empenho ao trabalho, os adeptos da Teologia Calvinista se entregavam de corpo e alma ao trabalho a fim de combater o ócio. A análise buscando a racionalidade entre o espiritual e o mundo físico, para Weber, teve como base de pensamento o Judaísmo pós exílio. Segundo Souza (2007)

O trabalho e a riqueza são para servir a Deus, e os protestantes seguirão na mesma linha, o dever de seguir a vocação do homem nesta terra. Por isso, os protestantes, como Weber, condenaram a vida monástica, considerando-a como atitude egoísta, por afastar o homem das tarefas deste mundo. Eles propunham, no lugar disso, que cada um encontrasse uma vocação para o trabalho, a fim de estabelecer um vínculo firme e permanente com o próximo; com isso, os princípios da solidariedade e fraternidade cristã não se reduziram em conceitos vazios, mas tornar-se-iam eminentemente práticos. (SOUZA, 2007, p. 48).

Através da mudança da filosofia de vida, saindo da vida devotada ao misticismo para a dedicação vocacional, esta mudança possibilitou o sucesso dos países que aderiram a fé reformada, que em meados dos anos de 1600 d.C, foram postos na dianteira do desenvolvimento da sociedade. A busca por uma fé mais racionalizada está ligada intrinsecamente com o movimento humanista e também com a contribuição da prensa de Gutenberg.

O protestantismo contribuiu para a facilitação da consolidação do capitalismo. A influência da burguesia que estava em ascensão, apoiando a Reforma, tratava-se de sair da dominação imposta pelos Católicos Romanos, primeiramente em relação aos impostos exorbitantes cobrados, com o olhar voltado para a detenção de um maior patrimônio financeiro. Portanto, logo é perceptível concluir que o sucesso e a solidificação do desenvolvimento dos países que aderiram à Reforma foram de:

1. A riqueza conseguida do trabalho, facilita uma vida mais fraterna e comunitária com os que necessitam;
2. O trabalho é uma vocação predestinada por Deus ao homem;
3. Todo o capital gerado através do trabalho honesto é para a Glória de Deus.

O ambiente dentro da Europa era de perseguição, tanto para quem era católico quanto para quem era protestante. Era uma guerra desenfreada por conta da religião (SOUZA, 2007). . A perseguição que adeptos ao protestantismo, por exemplo, sofreram, possibilitou, através de migrações populacionais, a disseminação do capitalismo. Logo, o pensamento não ficou retido à fronteiras e

delimitações geográficas, ao contrário, maiores números de pessoas obtiveram acesso e por conseguinte a liberdade econômica.

O pensamento estava publicado através da Imprensa Tipográfica de Metais, feitas por Gutemberg, e arquivadas e disseminadas nas universidades e nos jornais. O modelo educacional enfatizado e proposto pelos reformadores, como Lutero, que buscavam a emancipação educacional, social, cultural, econômica e religiosa do homem, ajudou a consolidar este pensamento latente envolvendo o protestantismo e o espírito capitalista.

A universalização do acesso ao ensino fundamental, médio e superior, sem restrições, facilitou a propagação deste pensamento de Max Weber. As academias debatiam o pensamento do sociólogo, logo, as ruas também possuíam acesso. Por conseguinte, os burgueses em ascensão também. Portanto, é válido e notório ver a influência que o papel educacional detém sobre uma sociedade. A educação foi peça vital sobre todo esse processo.

Sendo assim, em uma sociedade mais aberta e menos autoritária, os países protestantes obtiveram, a partir do séc. XVI, um desenvolvimento mais rápido e em maiores e volumosas proporções do que de países católicos. Segundo Fanfani (1953)

O protestantismo, não plantou a semente do mais acentuado progresso econômico, nos países que adotaram sua doutrina religiosa, somente auxiliaram o mesmo, na queda das barreiras de natureza espiritual que se opunham ao capital. Temos que reconhecer que, com independência do fator religioso, os países que se dizem protestantes foram favorecidos por uma situação econômica melhor que os países católicos. É incontestável que os países da Europa norte-ocidental superaram economicamente os países da Europa sul-ocidental desde os meados do século XVI. Por quanto, esta realidade somente pode ser explicadas em parte, alegando a distinta confissão religiosa abraçada pelos habitantes das diferentes regiões. Esta análise não pode significar em absoluto, como interpretado por alguns críticos, uma adesão a explicações deterministas. (FANFANI, 1953, p. 294-295. Tradução nossa).

A quebra de mitos espirituais sobre o acúmulo de capital, praticado pela Igreja Católica, ajudou no auxílio do desenvolvimento dos países protestante. Isto posto, com o fim do poder religioso da Igreja Católica, advindo da Reforma Protestante com o auxílio da prensa de Gutemberg, o acúmulo de riqueza passou a ser praticados pelos adeptos à fé reformada e com isso a fuga de uma condenação eterna, como a Igreja Católica dizia aos que acumulavam bens. O descontentamento dos reis de vários países, possibilitou ao movimento protestante a sua consolidação e também a consolidação das monarquias que iam surgindo.

Sem estender-se esta dissertação, este movimento possibilitou maior liberdade de pensamento, ajudando a ciência, que estava em pleno desenvolvimento, e também o movimento

humanista. Sendo assim, é notório enxergar que a Reforma foi um movimento não apenas religioso, contudo, social e econômico e todos estes aparatos e movimentos estratégicos ajudaram na liberdade da interpretação das Escrituras Sagradas, de acumular ou não o dinheiro obtido através de seu trabalho e a não obrigatoriedade de ser pertencente à alguma religião.

8 CONCLUSÃO

A ruptura informacional da Imprensa de Gutemberg, foi uma mudança na qual produziu abertura à democracia informacional. Se antes a informação e toda publicação bibliográfica estava nas mãos do Catolicismo Romano, agora não mais. Ruptura informacional na qual possibilitou que “heresias” combatidas pela Igreja nos séculos anteriores, pudessem ressurgir e por fim, com sucesso louvável, produzir uma reforma que é comemorada até os dias de hoje dentro das congregações reformadas. Após mais de 500 anos, a principal Igreja Ocidental perdeu o seu monopólio e enxergou em sua caminhada uma Igreja Reformada, pulsante e que buscava nas escrituras viver novamente o que foi feito em Atos dos Apóstolos. A busca por uma fé genuína, não autoritária, não hipócrita e corrupta, ajudou a fomentar as principais mudanças e avanços constatados na história.

O presente trabalho objetivou-se em averiguar com clareza as mudanças desde o início da forma escrita, a oralidade e por fim até a Imprensa Tipográfica. Os objetivos específicos traçados nesta pesquisa foram concluídos com sucesso após o apoio em materiais da literatura já publicados. O campo da Biblioteconomia possui capilaridade significativa para se debruçar mais ativamente neste tema, conforme foi apresentado, pois foi constatado que a informação foi o sangue das reformas que ocorreram no século XVI. Sem a informação, sem a imprensa, sem a sua disseminação, não ocorreriam as mudanças que foram possíveis observar e os séculos anteriores à Reforma é a prova mais fiel disto.

No decorrer da pesquisa, foi legítimo vislumbrar que Lutero foi um dos maiores disseminadores da informação que já passaram por este mundo. Conseguiu aliar suas indignações teológicas ao principal componente que estava surgindo graças à maneira visionária de Gutemberg de enxergar o mundo. Maneira visionária na qual em primeiro lugar estava ligado ao dinheiro, contudo, a tecnologia era exatamente o que faltou aos pré-reformadores dos séculos anteriores.

Um novo olhar para o campo educacional, social e econômico foi possibilitado através da prensa e conseqüentemente através da Reforma eclodida em 1517. Reformas de bases surgiram, como, por exemplo, dentro do campo educacional. Reforma na qual possibilitou a formação e o

desenvolvimento em alta escala do povo europeu que aderiu ao movimento reformado. Até as perseguições religiosas possibilitaram uma maior expansão do conhecimento através dos emigrantes. A informação já não possuía mais dono; a informação estava libertada de todas as amarras da censura produzida por pessoas que queriam o poder e conseqüentemente, o resultado mais natural era a produção científica, levantamento de questionamentos e outras formas e maneiras de pensar surgiram.

Sendo assim, após a explanação do dissertado neste trabalho é notório observar que os objetivos da pesquisa foram alcançados e inevitavelmente produziu novas linhas de pesquisas relacionados a este tema desenvolvido. A Reforma Protestante foi e é um multicanal para a expansão informacional, emancipação de povos e posteriormente uma formação sólida de cultura e povo. Portanto, foi possível constatar os efeitos do papel da tipografia na Reforma e que além destes desdobramentos apontados na pesquisa, existe a possibilidade de trazer mais contribuições a serem exploradas futuramente como, por exemplo, o papel das mulheres como veículo de disseminação da informação no contexto da Reforma.

REFERÊNCIAS

- ASTON, Margaret. **O Século XV**. Lisboa: Editorial Verbo, 1968.
- BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro; ASSIS, Ana Elisa Spaolonzi Queiroz. Direito à educação e 500 anos de Reforma Protestante: as contribuições de Martinho Lutero. **Comunicações**, Piracicaba, v. 25, n. 2, p. 263-281, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/viewFile/3507/2168>. Acesso em: 23 mai. 2022.
- BASCOPE, Kezia Freitas; NASCIMENTO, Oslei do; MILDENBERG, Emerson Cláudio; ALMEIDA, Sergio Antunes de. A Reforma Protestante e seus desdobramentos. **Revista Terra & Cultura**: cadernos de ensino e pesquisa, Londrina, v. 38, n. especial, p. 162, 2022. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/2499/2096>. Acesso em: 07 mai. 2022.

BBC NEWS BRASIL. 'Bíblia' de Gutenberg: 4 fatos surpreendentes sobre o livro que mudou a história. **BBC News Brasil**, [s. l.], 22 dez. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50887912>. Acesso em: 22 jun. 2022.

BUDKE, Sidnei. O movimento da Reforma Protestante & os processos de mediatização religiosa. **Revista Reflexus**, Espírito Santo, n. 16, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1tam0v46XPEZsh8OgbvXAuFKZkajmH5Nt/view?usp=sharin>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 44, 2002. Disponível em: revistas.usp.br/eav/article/view/9854/11426. Acesso em: 5 mai. 2022.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

CORIA, Marcela. Escribir, leer, conservar. Tipologías y prácticas de lo escrito, de la antigüedad al Medievo. **Saga revista de letras**, Buenos Aires, p. 448, 2017. Disponível em: <https://sagarevistadeletras.unr.edu.ar/index.php/revista/article/view/39/36>. Acesso em: 20 mai. 2022.

DIRINGER, David. **A history of the alphabet**. 3. ed. London: Hutchinson, 1968. 14 p.

DUNSTAN, J. Leslie. **Protestantismo**. Rio de Janeiro: Zahar Editôres, 1964.

FANFANI, Amintore. **Catolicismo y protestantismo en la genesis del capitalismo**. Madrid: Ediciones Rialp S.A, 1953. 294-295 p. Disponível em: <https://ia800604.us.archive.org/13/items/CatolicismoYProtestantismoEnLaGnesisDelCapitalismoAmintoreFanfani/Catolicismo%20y%20protestantismo%20en%20la%20g%C3%A9nesis%20del%20capitalismo%20-%20Amintore%20Fanfani.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2022.

FREITAIS, Paulo. A invenção da imprensa. **Área de Integração**, Portugal, 3 mar. 2021. Disponível em: <http://aiesfd.blogspot.com/2021/03/a-invencao-da-imprensa.html>. Acesso em: 22 jun. 2022.

GERONE JUNIOR, Acyr de. **Bíblia, palavra de Deus na História**. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2022.

INSTITUO HUMANITAS UNISINOS. As 95 teses de Martinho Lutero na porta da igreja do castelo de Wittenberg. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, RS, out. 2016. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/185-noticias-2016/561367-as-95-teses-de-martinho-lutero-na-porta-da-igreja-do-castelo-de-wittenberg>. Acesso em: 22 jun. 2022.

KLUG, João. **Lutero e a Reforma Religiosa**. São Paulo: FTD, 1998. 22 p.

LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

LOPES, Hernandes Dias. **Panorama da história cristã: As intervenções de Deus na história**. São Paulo: Hagnos, 2018.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MAYER, Frederick. **História do Pensamento Educacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976. 250-251 p.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999. 206 p.

MEIO NORTE. Proibidos ou queimados, livros incomodam ignorantes ou déspotas. **Meio Norte**, Piauí, 2020. Disponível em: <https://www.meionorte.com/blogs/memoria/proibidos-ou-queimados-livros-incomodam-ignorantes-ou-despotas-338805>. Acesso em: 22 jun. 2022.

MCGRATH, Alister. **Origens intelectuais da Reforma**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século vinte**. São Paulo: Teológica, 2003.

MONROE, P. **História da educação**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1979. 179 p.

OLIVEIRA, Antônio José Barbosa de Oliveira. Apontamentos: História Social da Informação e do Conhecimento. **História Social da Informação e do Conhecimento**, Rio de Janeiro, [201-?].

OLIVEIRA, José Teixeira de. **A fascinante história do livro**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Catedra, 1984. 54 p.

PISSURNO, Fernanda Paixão. **Venda de Indulgências**. InfoEscola: navegando e aprendendo, [S. l.], [2019?].

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 173 p.

RODRIGUES, Marcos Henrique Camargo. Gutenberg e o letramento do ocidente. **Revista Educação e Linguagens**, Campos Mourão, v. 1, n. 1, ago./dez. 2012. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/619/353>. Acesso em: 05 mai. 2022.

SILVA, Pierre Normando Gomes da. Educação para liberdade, solidariedade e ludicidade: Reforma Protestante e corporeidade humana. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 15, n. 46, p. 595-614, abr./jun. 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2017v15n46p595/11881>. Acesso em: 23 mai. 2022.

SOUZA, Nilson Levi Zalewski de. **Religião e desenvolvimento**: uma análise da influência do catolicismo e protestantismo no desenvolvimento econômico da Europa e América. 2007. Dissertação (Mestrado em Economia) - Faculdade de Economia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3940#preview-link0>. Acesso em: 28 mai. 2022

TAMAYO DE SERRANO, Clara. El aporte cultural y educativo de la Baja Edad Media. **Educación y Educadores**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 202, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/eded/v10n2/v10n2a13.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2022.

